

Vladimir Carvalho se destaca no streaming



PÁGINA 3

Dora Morelenbaum mostra novo disco no Rival Petrobras



PÁGINA 6

Tcheco Jan Kaláb volta a expor suas obras no Rio



PÁGINA 8

2º CADERNO

‘Encontro com a Invenção’ é o mais novo livro da poeta, atriz e jornalista

Poeta, atriz e jornalista, Elisa Lucinda é uma potência criativa.

Neste sábado, às 17h, ela lança na Livraria Folha Seca, mais um livro, “Encontro com a Invenção”. São 53 poemas que contam uma história de amor. “Quando um livro de poesia é escrito contando uma história, tendo o mesmo tema, é chamado de romanceiro. Neste ‘Encontro com a Invenção’ (Ed. Pallas), apresento Vítor, um personagem criado na ficção, mas que havia escapado para as bandas do real. O livro é o encontro destes mundos”, explica a autora que, antes de autografar os exemplares, vai trocar dois dedos de prosa com a plateia e recitar alguns versos.

“Essa mulher é um furacão, que arrebatava o público e leitores com sua interpretação e textos sedutores transbordados de paixão. Certamente, os eventos de lançamento deste livro serão singulares”, comemora a editora Mariana Warth.

Evitando dar spoiler de sua nova obra, Elisa dá algumas pistas sobre o que vem por aí. “Aqui não é um livro de poesia simplesmente. É uma história romântica com começo, meio e fim, feita através de poemas diversos. A literatura



Fotos/Divulgação



Encontro com a Invenção, de Elisa Lucinda

Ficção e realidade, mundos que se encontram nos versos da Elisa Lucinda

é um vasto campo sem porta ou cancela; e sua lanterna é a palavra, sempre à nossa frente, desenhan-

do horizontes, fazendo a trilha a ser caminhada. Vem comigo. Está garantida a estrada onde

antes não havia nada”, escreve no prefácio a artista, que há mais de 20 anos apresenta nos palcos do

mundo o espetáculo teatral “Pa-rem de Falar Mal da Rotina”.

Continua na página seguinte

ENTREVISTA / ELISA LUCINDA, POETA, ATRIZ E JORNALISTA

‘É uma estreia pra mim fazer um livro desse, como é uma estreia cada dia que eu subo no palco’

Divulgação



Multi-artista com mais de 20 livros publicados, Elisa Lucinda divide seu tempo com seus trabalhos nas artes cênicas e em artigos para jornais e revistas. Foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura em 2015, com o livro “Fernando Pessoa, o Cavaleiro de Nada”; e finalista no Prêmio Jabuti em 2022, com “Quem Me Leva Para Passear”. Pela coleção infantil “Amigo Oculto” ganhou o prêmio Altamente Recomendável da FNLIJ, a Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil, em 2002.

Fundou, com Geovana Pires, o Instituto Casa Poema - que desenvolve projetos para popularizar e usar poesia como equipamento de cidadania. Em 2009, recebeu o Prêmio Bertha Lutz por sua obra em defesa do direito e valorização da mulher. Em 2020, ganhou o Prêmio Especial do Júri do Festival de Cinema de Gramado pelo conjunto da obra. Na Academia Brasileira de Cultura, ocupa a cadeira 41.

Nesta entrevista ao Correio, Elisa fala sobre seu livro mais recente e antecipa seus projetos futuros.

Como foi a escrita de “Encontro com a invenção”? O livro nasceu de parto normal ou a fórceps?

Elisa Lucinda - Olha, eu nunca tive um livro que nascesse a fórceps. Havia uma vontade de escrever mais e mais. Mas esse nasceu muito fácil. Nasceu, escrevi e esqueci: coisa rara. Escrevi em 2018 e guardei numa gaveta. Em 2023, quando estava indo para gravar a novela “Vai na fé”, a minha assistente na época, Sara Duarte, chegou e disse: “Elisa, olha o que achei aqui”. E veio com uma caixa de inéditos com alguns livros que ainda vou publicar. Uns quatro, já encadernados. Aí levei este para a Globo e fiquei lá, na sala de elenco, folheando. O Samuel Assis, meu amado irmão, começou a ler os poemas em voz alta. Depois chegou a Rosane Svartman e incentivou: ‘Isso dá um filme’. Fiquei tão impressionada com aquilo, que falei: ‘Gente, essa literatura aqui tá viva’. Naquele momento eu já estava me reaproximando da Pallas, e falei desse livro, a Cristina Warth ficou apaixonada por ele e rolou.

O Vitor existiu para além da ficção ou a sua realidade também é obra da ficção?

Vitor é uma obra de ficção e a sua realidade também é uma obra de ficção porque os amores são todos criados, né? Qual amor não criamos, né? Então eu gosto desse mix entre realidade e ficção que o Vitor parece ter.

Você conta que o formato do livro foi inspirado no “Romanceiro da Inconfidência”, de Cecília

Meireles. Além dela, quais autoras brasileiras dialogam com as suas criações?

O formato foi inspirado, sim, no “Romanceiro”, mas não uma inspiração direta. Só percebi com ele pronto. Isso é muito interessante. Notei que tinha feito um livro inteiro de poesias contando uma história só. Caramba, foi isso que a Cecília fez com a Inconfidência, contando essa história com versos. Fiquei muito feliz. Amo a Cecília, uma mulher revolucionária, apesar de branca, do

ponto de vista da cabeça anti-opressão - e que não parecia, porque ela não era clichê e fazia tudo com tanta delicadeza que a gente não percebia que ela tava hasteando sua bandeira de liberdade naquela época. Adélia Prado é outra mulher muito importante para a minha escrita. Depois vieram a Conceição de Evaristo e outras contemporâneas, mas, na minha formação, eram Cecília e Adélia quem estavam lá.

Com tantos papéis no teatro, cinema e TV, qual tipo de personagem ainda falta interpretar?

Quero interpretar uma mulher gostosa, bonita, maravilhosa, fatal, moderna, avançada, carismática e de mais de 60 anos. Isso eu quero. O audiovisual está atrasado nesse sentido.

A peça “Parem de Falar Mal da Rotina” está em cartaz desde 2002. Como você dá vida ao mesmo texto há tanto tempo?

É que não é mais o mesmo texto! Tanto que fiz a edição revisada do livro no ano passado. Estou sempre atualizando a peça. Quando começamos, por exemplo, nem existia a palavra ‘assédio’ como lei para nos proteger da importunação sexual e nem existia essa expressão. O mundo mudou muito nesses 22 anos, e eu vou atualizando as visões e os avanços sobre os temas. Criança, educação, escola, amor, racismo, todos esses são temas da estreia de cada dia. Tudo isso é tratado na peça. E eu provo isso estreado porque todo dia é uma estreia. “Encontro com a In-

venção” é o meu 21º livro, mas nunca fiz um livro como ele, é o meu livro mais pequenininho de tamanho, um preço ótimo, um livro democrático e que fala do amor que todos inventamos. Então, é uma estreia pra mim fazer um livro desse, como é uma estreia cada dia que eu subo no palco.

Vira e mexe, tem um livro novo da Elisa Lucinda nas livrarias. Escrever significa o que pra você?

Ai, que pergunta linda! Adoro que vira e mexe tem um livro novo da Elisa Lucinda nas livrarias porque adoro escrever. E o meu sonho é empatar. É publicar todos os livros que escrevo - porque estou sempre com vários livros novos aqui em casa. No momento, tenho mais quatro, além desse lançamento, sabe? Gosto muito de escrever e produzo muito. E o meu rigor, ele se resolve rápido, não é um rigor obsessivo. Não preciso fazer vinte mil revisões, embora goste de ler, ler, ler e achar erros novos, sabe? Ajeitar melhor um verso: adoro isso. Escrever, pra mim, é um modo de ver o mundo, pensar o mundo, produzir o mundo.

Quais são os planos para 2025, que já vai começar?

Bom, vou terminar o ano fazendo dois filmes e já começo 2025 trabalhando em outro. Tenho feito trabalhos com o Ministério Público do Trabalho de Recife e estou adorando falar sobre justiça. Vou fazer uma palestra no Supremo Tribunal Federal, olha que chique! Depois de lançar “Encontro com a Invenção” por algumas cidades, vou me mexer para lançar mais dois livros. Estou envolvida em uma série e tenho viagens internacionais em vista. Também fui convidada para atuar, ao lado da Prefeitura do Rio, em um projeto com quilombolas, com a Pequena África e professores, um projeto cheio de pernas, muito meu sonho de usar a palavra como equipamento de cidadania. Há muitos planos e, além disso, tem dois documentários em curso: um sobre a minha vida e outro sobre o meu trabalho com a poesia. Ai, que delícia esse país quando a democracia respira!

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Cuias quatro rodas estipulam 69 quilômetros de estrada Paraíba adentro, equivalentes a uma hora de carro, ao delimitarem a distância entre Itabaiana, a terra natal do cineasta Vladimir Carvalho (1935-2024), e a capital daquele estado, sem levar em conta o amor que serve de interseção às duas cidades, expresso na paixão cinéfila de seu povo (e do Brasil todo) pela obra de um diretor que era a prata da casa.

Em outubro, sem pedir licença à nossa saudade, ele nos deixou, aos 89 anos. Na cidade onde vivia há décadas, no coração do DF, ele virou nome de sala de exibição no Cine Brasília, que acolhe hoje a reta final da competição pelo troféu Candango. Em solo paraibano, seu berço, um de seus (melhores) filmes vai inaugurar a maratona cinéfila anual de João Pessoa (PB), o Fest Aruada: esta noite “A Bolandeira” (1968) dá a largada para o evento. Na sequência, tem “Malu”, de Pedro Freire.

No sertão da Paraíba, as chamadas “boladeiras”, rústicos engenhos de madeira que fabricam mel e rapadura, operados por tração animal e humana, subsistem, mas se tornam cada vez mais raros, substituídos por equipamentos mais modernos, a motor. Um modo de vida que cercava aquele engenho do passado está fadado a desaparecer. O curta seminal de Vladimir, a ser projetado nesta quinta no Manaíra Shopping, fala sobre essa desapareição. Seu tema, de costume, era a erosão de antigas práticas, o que ele abordava sempre de forma discreta, vide sua abordagem para falências (e resiliências) utópicas em “Giocondo Dias – Ilustre Clandestino” (2019), seu derradeiro longa-metragem. Nesta sexta, às 14h55, tem sessão dele no Canal Brasil.

Filmar no silêncio, sem alarde, era uma marca de Vladimir e, a partir dela, ele teve chances de



Vladimir Carvalho, o mítico documentarista de Itabaiana (PB), em cena do documentário ‘Quando a Coisa Vira Outra’

Vladimir Carvalho para a eternidade

Homenageado com nome de sala em Brasília, o mítico documentarista paraibano ganha sessão tributo no Fest Aruanda e lota streamings com sua arte

construir uma das sólidas filmografias do documentário brasileiro desde 1960, quando integrou a equipe de um filme mítico para a criação do cinema moderno no país: “Aruanda”. Não por acaso, o festival de sua “pátria” tem o nome que tem.

Pilotada por Linduarte Noronha (1930-2012), a produção - encarada como uma centelha do projeto cinemanovista de Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Cacá Diegues e

cia. - conta a história dos remanescentes de um quilombo em Serra do Talhado, na Paraíba, mostrando o cotidiano dos moradores, jornadas de plantio e feitos de cerâmica “primitiva”. Seu roteiro trazia um componente ficcional, com habitantes da região representando seus antepassados, partindo da encenação para promover uma investigação sobre as contradições sociais de populações excluídas pelo Estado.

“No Liceu paraibano, fui aluno de Linduarte, que era mais velho do que eu uns cinco anos”, contou Vladimir ao Correio da Manhã, numa de suas últimas entrevistas. “Voltamos a nos encontrar quando eu já escrevia crítica de filmes nos jornais. Quando ele ganhou um prêmio internacional de fotorreportagem, resolveu adaptar um outro texto seu sobre um quilombo antigo. Ali, ele chamou a mim e a João Ramiro Mello para escrevermos juntos o roteiro. Lembro-me da viagem de reconhecimento do tema, subindo a Serra do Talhado por uma estradinha carroçável recém-aberta, sob um sol de 40 graus. Ali eu me tornei cineasta”.

Quem quiser conhecer a obra de Vladimir pode recorrer ao streaming. A Amazon Prime incluiu “Cícero Dias, o Com-

padre de Picasso” (com o qual o diretor concorreu no É Tudo Verdade em 2016) em sua grade, pincelando memórias das artes plásticas nacionais. Já a plataforma Looke trouxe para sua programação “Conterrâneos Velhos de Guerra” (1991), “Evangelho Segundo Teotônio” (1984), “Homem de Areia” (1981) e o obrigatório “País de São Saruê” (1971), um dos mais poéticos registros documentais da América Latina, silenciado pela Censura do governo militar. No Curta!On, encontra-se um imperdível episódio da série “Nós, Documentaristas”, feita pela cineasta Susanna Lira, com base em depoimentos dele. Outro longa sobre Carvalho, “Quando a Coisa Vira Outra” (2022), de Marcio de Andrade, pode ser visto no Claro TV+.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

'Ainda Estou Aqui' tem uma trilha sonora potente

Trilha sonora também é destaque em 'Ainda Estou Aqui'

Representante brasileiro na disputa pelo Oscar 2025, o longa "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, tem levado multidões às salas de exibição pelo país. Existe a força do texto de Marcelo Rubens Paiva adaptado para o cinema; e o gigantismo de Fernanda Torres em cena encarnando a advogada Eunice Paiva em sua cruzada para que o Estado brasileiro reconhecesse a morte de seu marido durante a ditadura militar.

E outro ingrediente de sucesso é sua potente trilha sonora que reúne grandes nomes da MPB nos anos de chumbo como Erasmo Carlos, Roberto Carlos, Tim Maia e os tropicalistas Gal Costa, Caetano Veloso e Tom Zé que compõem um retrato sonoro daqueles anos sombrios.

Coisas a dizer

O destaque vai para uma pérola setentista, "É Preciso Dar um Jeito Meu Amigo", uma balada existencialista de Roberto e Erasmo Carlos e gravada pelo Gigante Gentil em seu primeiro álbum solo, "Carlos, Erasmo" (1971) e cuja execução recente alcançou o Top 50 do Spotify Brasil.

Coisas a dizer III

A faixa de Erasmo permeia quase todo o filme e brilha ainda mais nos créditos finais deste longa. Mas não é a única faixa composta por Erasmo e Roberto na trilha do longa. Há "As Curvas da Estrada de Santos" e "Como Dois e Dois", ambas na interpretação de Roberto.

Coisas a dizer II

Em sua interpretação contida, Erasmo se volta à penúria, ao desamparo e às incertezas da época em versos como "Estou envergonhado/ com as coisas que eu vi/ mas não vou ficar calado/ no conforto acomodado como tantos por aí", canta, escoltado por uma guitarra psicodélica.

Coisas a dizer IV

A inserção de três canções de Roberto e Erasmo talvez nos revela que a geração da Jovem Guarda não era tão despolitizada como se supunha. Anos mais tarde, o próprio Erasmo definia a Tropicália como "a Jovem Guarda adulta e politizada, é a música brasileira".



Da Zona Sul à Zona Oeste, a produção do curta registrou rodas de samba de todas as regiões da cidade, entre as quais a Moça Presa, uma roda 100% feminina

Tem roda de samba nas telas

Curta registra a efervescente cena do samba no Rio

Um encontro de amigos com paixão por música e audiovisual resultou no "Manifesto Roda de Samba". Iniciado em 2017, o curta documenta a cultura de ocupação pública das rodas de samba do Rio de Janeiro. Frequentando, curtindo e estudando o circuito carioca, a equipe de amigos e entusiastas aproveitou de suas conexões com o mundo do jornalismo e audiovisual para produzir o que se tornou o minidocumentário. O time rodou por duas semanas, visitando 11 rodas de samba em vários bairros da cidade.

"Eu e Julio Morais nos conhecemos através de uma amiga em comum. Ela queria nos

apresentar pois dizia que ambos gostávamos muito de música e falamos de coisas parecidas. Imediatamente percebi que o trabalho do Julio, com Circuito Carioca de Rodas de Samba, era uma oportunidade maravilhosa de rodar pela cidade conhecendo o movimento, com um cara lá de dentro. Mas ninguém vai numa Roda de Samba só para olhar – como disse Luís Antônio Simas no filme. Eu também queria mais do que visitar. Queria contar essa história. Queria filmar. Afinal não virei jornalista, nem fui pro audiovisual à toa", conta Celso Lobo, roteirista e diretor do curta.

Celso começou ligando para dois amigos, donos de duas pequenas produtoras de audiovi-

sual, e fez o convite para participar do projeto. Unidos pelo interesse e proximidade com o tema, a equipe foi movida basicamente a "água, gasolina e cerveja". Ele complementa: "Alberto Picharillo veio de São Paulo e Juliana Faria envolveu o irmão, Nelson Faria. Ambos mobilizaram seus recursos técnicos para viabilizar a gravação. E chamamos aquela amiga que nos apresentou lá no começo, a cantora Thais Macedo, para nos ajudar a contar essa história. Estava montada a equipe."

A equipe foi recebida como parceira do movimento e sentiu-se honrada por estar lá com os músicos, organizadores e participantes. Além de ser uma maratona musical inigualável, os cineastas e admiradores perceberam durante as gravações como é importante a ocupação que o movimento faz nos espaços públicos, levando o encontro e a alegria que a Roda permite. No documentário, fica evidente que o palco pertence também aos anônimos que cantam junto a plenos pulmões.

O "Manifesto Roda de Samba" está disponível gratuitamente na plataforma de streaming Cultne (<https://acesse.dev/c5Cck>).

ENTREVISTA / IAN MCSHANE, ATOR

IFC Films



Ao som de Julio Iglesias, Ian McShane vive o assassino Wilson no longa 'American Star', ainda inédito no Brasil

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

'Gosto de personagens com carências'

Aclamado nos anos 2000 no arquétipo de durão no papel de Al Swearengen, o dono do Gem Saloon na série "Deadwood: Cidade Sem Lei", o inglês Ian McShane desembarca no Brasil neste fim de semana, para participar da Comic-Com Experience (CCXP), em São Paulo. A maior feira nerd do país vai realizar um painel sobre "Bailarina – Do Universo John Wick" ("Ballerina"), com Ana de Armas. É uma das produções mais esperadas para 2025.

Aos 82 anos, o astro assume um papel crucial no longa-metragem, assim como nos demais títulos da franquia sobre um assassino ferrabrás protagonizada por Keanu Reeves. No papel de Winston, espécie de gerente do Hotel Continental (o epicentro de um clã de matadores), McShane reinventou-se aos olhos da cultura pop. Ampliou essa rein-

venção ao estrelar a série "Deuses Americanos", da Amazon Prime. Esses diálogos que trava com plateias jovens abriu espaço para que o ator, revelado no início da década de 1960, pudesse apostar em empreitadas mais pessoais, como é o caso do thriller existencialista "American Star". Inédito em circuito brasileiro, essa narrativa de ação mais "cabeça" hoje busca visibilidade na corrida pelas láureas da Oscar Season, a temporada de premiações que antecede a entrega da estatueta hollywoodiana. O Globo de Ouro é parte delas e organizou uma coletiva online com

jornalistas do mundo todo (com a presença do Correio da Manhã) para ouvir Ian.

Sob a direção de Gonzalo López-Gallego, com um roteiro escrito por Nacho Faerna, McShane tem uma atuação devastadora no papel de Wilson, um assassino profissional cansado de anos a fio de guerra – e solidão. Sua missão atual se passa em Fuerteventura, uma das ilhas do arquipélago espanhol das Canárias. Lá, a demora para localizar seu alvo abre a deixa para que ele desfrute de férias e faça amizades. O perigo, contudo, permanece à sua espreita.

Na entrevista a seguir, via Zoom, McShane, popularizado nos anos 1970 em "O Quinto Mosqueteiro" (1979), fala sobre composição desse taciturno agente da morte.

Quel perfil de heroísmo sustenta a figura de Wilson, em "American Star"?

Ian McShane: Ele não é um herói no sentido clássico por ser mais reativo do que proativo. Se há algo de heroico nele, está na forma como ele se comporta em seu trabalho, como um operativo do governo com dramas pessoais.

Pensamos mais aqui na referência taciturna de "O Samurai", de Pierre Melville, com Alain Delon (galã morto em agosto deste ano). Aliás, que Deus o abençoe. No trabalho com Gonzalo, não tentei fazer de Wilson um tipo machão. Gosto dos personagens com carências. Wilson é um sujeito que acredita ser capaz de resolver as coisas do seu modo e, no processo, encontra sua humanidade perdida.

Que conexões essa narrativa trava com clássicos do thriller inglês como "Carter, o Vingador", de Mike Hodges, um pilar do gênero que "American Star" parece perseguir?

Ian McShane: Você citou um grande filme é parte essencial do filão dos filmes ingleses de gângsters, nos quais havia um arquétipo de vilão bem demarcado, numa triagem do submundo britânico. Aqui, nosso olhar é sobre a experiência de um homem que volta às suas raízes e se depara com tudo o que não teve a chance de viver antes. Uma hora, ele ouve Julio Iglesias e a letra da canção ("Me Olvidé De Vivir") traduz o que ele sente. Numa ilha isolada, como é o espaço onde ele se encontra, você sai da realidade. É curioso que, em geral, oferecem a mim papéis que falam muito. Aqui, existe o silêncio, pouco acontece. Os encontros forçam Wilson a falar, num ambiente que o deixa intrigado.

Como foi o processo de construção do personagem com Gonzalo?

Ian McShane: Estive nesse projeto desde suas fases iniciais e participo dele como produtor e ator. Gonzalo é um cineasta muito bom de lidar com os atores, pois ele deixa as coisas fluírem com naturalidade. Como intérprete, você precisa estar sempre preparado. Eu já atuo há muito tempo. Trabalho nessa desde 1962, mas ainda me encanto pelo cinema e ainda adoro ver filmes. Passo pela Comic-Com Experience agora para falar de "Ballerina", ligado ao universo de "John Wick".

Cantora faz o show de lançamento de seu primeiro disco solo nesta quinta no Rival Petrobras

O novo pique de Dora Morelenbaum

A cantora e instrumentista Dora Morelenbaum apresenta o show de lançamento de seu recém-lançado álbum de estreia, "Pique", no Teatro Rival Petrobras nesta quinta-feira (5). Ela estará acompanhada de uma banda formada por alguns dos mais destacados instrumentistas da nova cena musical, praticamente a mesma que participou das gravações do disco: Alberto Continentino (baixo), Luiz Otavio (teclados), Guilherme Lirio (guitarra) e Daniel Conceição (bateria).

O disco é de estreia, mas estar nos palcos não é nenhuma novidade para Dora, que integrou o grupo Bala Desejo, vencedor do Latin Grammy 2022, e é filha dos



Divulgação

Dora escolheu a amiga Ana Frango Elétrico para produzir seu primeiro disco solo

consagrados Jaques, violoncelista e arranjador, e Paula Morelenbaum, cantora. O show trará canções do álbum "Pique", mas Dora promete

também pinçar músicas do Bala Desejo e outras surpresas.

A sensualidade elegante, o calor "cool" que dá o tom de "Pique",

primeiro álbum solo de Dora Morelenbaum, que teve produção da amiga Ana Frango Elétrico, outro nome de destaque na cena da no-

víssima MPB. "Eu tinha gravado segundo álbum dela. E ela também coproduziu o disco do Bala. Ela estava presente, próxima", diz Dora. "Mais do que isso, pensei nela a partir das referências que eu imaginava para esse disco."

Além de parcerias com Tom Veloso, Dora gravou duas músicas que fez com Zé Ibarra e duas outras só suas, além de uma de Sophia Chablau. Josyara participa do disco, além de seus outros colegas de Bala Desejo: Júlia Mestre e Lucas Nunes.

SERVIÇO

DORA MORELENBAUM - PIQUE

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33)
5/12, às 20h30
Ingressos entre R\$ 50 e R\$ 140

Aquele samba gostoso das quintas

Samba Independente dos Bons Costumes é tradição na Fundação

Nesta semana em que se celebra o Dia Nacional do Samba, a Fundação Progresso recebe mais uma vez a roda de samba do Samba Independente dos Bons Costumes (SIBC), que virou atração fixa da casa às quintas-feiras em seu anexo, o chamado Espaço Verde, reunindo um público médio de 2 mil pessoas a cada semana. O grupo promete uma apresentação especial, das antigas, homenageando grandes nomes do samba.

O repertório do grupo traduz

toda sua originalidade, indo da malandragem do partido alto à irreverência do pagode; do suingue do calango ao batuque do samba de roda; do baião ao instrumental, do jongo ao ijexá, levando todos a uma viagem musical afetiva.

O SIBC é um coletivo de músicos e amantes do samba que se unem para celebrar a música e a cultura carioca. Sua formação do grupo é bastante dinâmica, com diversos artistas se revezando nos instrumentos e vocais. Essa diver-



Divulgação

O Samba Independente dos Bons Costumes reúne-se regularmente às quintas desde 2015

sidade musical enriquece o som do grupo e garante um repertório eclético e envolvente.

O grupo iniciou sua trajetória tocando na Praça Tiradentes, e logo atraiu um público fiel que, através do coro e da palma da mão,

fazem das suas rodas um local mais que especial.

Através dos arranjos e releituras de grandes nomes do samba e da música brasileira, além das músicas autorais, o SIBC conquistou o seu espaço na cena carioca do samba.

Um dos trunfos do SIBC é o ser um grupo plural e diverso, que conta com integrantes de diversas opiniões, pensamentos e principalmente de diferentes vertentes

artísticas. Ainda este ano, o SIBC terá o lançamento do seu primeiro EP, com produção de Rafael dos Anjos, músico brasileiro que já dirigiu nomes como Arlindo Cruz e Diogo Nogueira.

De 2015 até aqui pouquíssimas foram as quintas-feiras sem uma apresentação do SIBC na cidade. "Desde os shows improvisados na Praça Tiradentes até as apresentações na Fundação Progresso, duas coisas sempre nos acompanharam: nossa

paixão pela música e nosso público fiel, a Nação Laranja", comemora Vandro Augusto, um dos ideólogos do SIBC.

SERVIÇO

SAMBA INDEPENDENTE DOS BONS COSTUMES

Fundação Progresso (Rua dos Arcos, 24 - Lapa)

Todas as quintas, a partir das 21h Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia solidária, levando 1kg de alimento não perecível (exceto sal e açúcar para doação)

Com direção de Alexandre Mello, a peça 'Solidão de Caio F' homenageia o escritor Caio Fernando Abreu

A busca pelo amor verdadeiro nas grandes metrópoles e a poesia extraída da dor de se sentir só permeiam os textos do jornalista, dramaturgo e escritor gaúcho Caio Fernando Abreu (1948-1996), que deixou uma extensa obra, composta por contos, romances, novelas e peças teatrais.

O espetáculo "Solidão de Caio F", em cartaz no Ateliê Alexandre Mello, em Laranjeiras, põe um foco nesse recorte ao unir dois contos do autor sobre o tema ("Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira do sanga" e "Dama da Noite"), além de cartas escritas entre 1987 e 1990.

Com direção de Alexandre Mello e roteiro de Hilton Vasconcellos, a peça evoca imagens de uma época de homofobia explícita por conta da desinformação sobre a Aids e da grande dor existencial desta geração que viveu o golpe militar e a decadência das artes e da cultura no país.

Na trama, um único homem, o escritor, desdobra-se em dois personagens, que estão em um mesmo ambiente, mas não se encontram, por pertencerem a contos diferentes. Os atores Hilton Vasconcellos e Rick Yates são cérebro e coração do autor, num mesmo espaço-tempo, contracenando indiretamente. Quando um é autor, o outro é personagem e vice-versa. A encenação optou por explorar uma imagem bastante popular da famosa tela de Van Gogh, que retrata seu quarto, como suporte para a cena de



Hilton Vasconcellos em 'Solidão de Caio F', abientada num quarto que remete ao dormitório de Van Gogh

Solidão, morte e busca pelo amor na metrópole

Caio F. Os personagens habitam esse mesmo quarto, onde suas memórias e impressões do mundo e da vida se expressam através das imagens daqueles tempos. No espaço, também haverá uma exposição sobre o escritor, com textos, projeções e músicas de artistas citados em suas cartas e contos, de Maria Bethânia e Maysa a Fassbinder e Oscar Wilde.

"Este monólogo-tributo foi escrito durante a pandemia, quando a palavra de Caio parecia

"gritar pelos cantos". Suas crônicas e cartas nos anos 1990 denunciavam a ignorância em torno de um vírus, também desconhecido, e desmascaravam a covardia dos que usavam a epidemia para impor o ódio e o preconceito. O universo de Caio é o mesmo dos que insistem em continuar, dos que tentam não sucumbir às mazelas diárias", descreve Hilton Vasconcellos que, em 2012, ficou oito meses em cartaz na peça "Homens de Caio F", dirigida por

Delson Antunes. "As palavras de Caio parecem ter sido feitas para as ações que nascem no coração. Tudo ali é à flor da pele e nos emociona. O que é descritivo nos seus textos é cinematográfico, gerando imagens que ativam todos os nossos sentidos. Minha paixão pela obra dele é de longa data", acrescenta Rick Yates.

Caio Fernando Abreu é um dos mais importantes escritores brasileiros contemporâneos. Se estivesse vivo completaria 76

anos em 2024. Inovador, Caio F imprimia em seus contos uma narrativa cinematográfica, detalhada, delicada e ácida. Caio integra uma geração, que vai dos hippies, passando pelos "punks" e "clubbers" até ser devorada pela Aids nos anos de 1980/90. Seus contos têm imagens potentes, são histórias cinematográficas da solidão de seus personagens na selva urbana. "Caio surge como autor, sob a censura moralista da decadente ditadura militar no Brasil. Embarca numa espiral de afã por liberdade e justiça, amor livre e luta contra a homofobia, mas sua obra segue uma "via negativa". Seus personagens são anti-heróis urbanos, "loosers". A obra de Caio F. responde com sensibilidade à demanda de liberdade de seu tempo e continua atualíssima", reforça Alexandre Mello.

SERVIÇO

SOLIDÃO DE CAIO F
Ateliê Alexandre Mello (Rua Alice, 1658/201 - Laranjeiras).
Até 22/12, às sextas e sábados (20h30) e domingos (19h30)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Fotos/Divulgação



Um artista em transformação

Egresso da arte de rua em seu país, o tcheco Jan Kaláb expõe seus novos trabalhos na Galeria Movimento



Após hiato de dois anos sem expor no país, o artista plástico tcheco Jan Kaláb retorna à Galeria Movimento com mais de 20 obras inéditas para a mostra intitulada “Corte Construção”. Nessa exposição, suas já conhecidas cores vibrantes e formas orgânicas dão lugar a obras com traços mais arquitetônicos, em preto e branco ou em cores primárias como azul e vermelho, e que representam um momento mais conceitual de sua carreira.

Aos 46 anos e já conhecido por sua abor-

dagem inovadora e multidisciplinar, Kaláb apresenta uma série que explora a relação entre forma, sombra e espaço, inspirado no gesto primário da obra de Lucio Fontana, utilizando técnicas de corte e construção e criando instalações tridimensionais que desafiam a percepção do espectador.

As obras expostas revelam uma linguagem única, que combina precisão técnica com expressividade artística.

Para Kaláb a mostra reflete uma conexão pessoal com o Rio de Janeiro: “Embora já tenha apresentado minhas cores vivas e

formas orgânicas há dois anos, sinto que ainda há muito a explorar artisticamente, por isso, nesta fase revisito uma série de trabalhos de uma década atrás, onde utilizo facas para desenhar círculos e construir composições, transformar telas em elementos escultóricos. As cores são reduzidas a preto, branco, vermelho e azul, além do tom cru da tela não preparada”, comenta.

“Esta exposição oferece uma visão mais ampla da arte que eu apresento, que permite o público compreender melhor minha abordagem como artista”, completa.

A mostra representa um novo olhar de Jan Kaláb, que parte do vazio para construir as sobreposições que expressam um lado reflexivo e imersivo. Os trabalhos podem demonstrar interseções com o grande conflito mundial que vivemos há dois anos: a Guerra da Ucrânia - país próximo ao seu.

Para ele, “a aspereza e a precisão das obras, com pedaços de tela cortados e planos perfeitos se tornando porosos, podem simbolizar ossos expostos ou territórios perdidos, refletindo a brutalidade de uma maquinaria precisa”.

O artista também diz que a narrativa dos trabalhos expostos em 2022 e, agora, em 2024 permanece a mesma. “Antes, o choque do ataque próximo ao meu país era palpável. Hoje, o choque se dissipou, mas a realidade vem se agravando. O mundo parece desequilibrado, com novos conflitos surgindo. Nada é certo e tudo pode ser perdido a qualquer momento”.

SERVIÇO

CORTE CONSTRUÇÃO

Galeria Movimento (rua dos Oitis, 15 - Gávea) | Até 14/12, de terça a sexta (11h às 19h) e sábados (13h às 17h)
Entrada franca

Pioneiro na cena do grafite e arte de rua em Praga, Jan Kaláb tornou-se figura icônica na arte de rua europeia. Desde então, seu trabalho evoluiu para diferentes meios, como esculturas, instalações de luz suspensas, trabalhos em 3D, pinturas e NFTs